

Renzo Allegri

PADRE PIO

Um santo entre nós



INTRODUÇÃO

Escrevi este livro, Padre Pio, um santo entre nós, em 1998. Quando foi publicado na Itália, a Igreja acabara de reconhecer que Padre Pio, “ao longo da sua vida, tinha praticado em grau heroico as virtudes evangélicas”. Era o primeiro degrau do reconhecimento oficial da sua santidade. Depois, em pouco tempo, chegaram outros dois: a beatificação, a 2 de maio de 1999; e a canonização, a 16 de junho de 2002.

Era o meu quinto livro sobre o Padre estigmatizado. O primeiro intitulava-se *Padre Pio, l'uomo della speranza*, publicado em 1984; o segundo, *I miracoli di Padre Pio*, era de 1993; o terceiro, *A tu per tu con Padre Pio*, de 1995; o quarto, *Il catechesimo di Padre Pio*, de 1996. Além disso, depois de 1988 ainda publiquei outros quatro. Ao todo, são nove volumes dedicados a Padre Pio, cada qual com a sua perspectiva, com uma temática própria, que davam ao relato dos episódios biográficos do religioso aquela especificidade que eu queria realçar.

Padre Pio, um santo entre nós é a obra que, dentre o que publiquei sobre o frade com estigmas, posso definir como biográfica por excelência. O objetivo específico que me tinha proposto era o de contar cronologicamente a vida de Padre Pio. Portanto, é um livro não ligado a episódios, circunstâncias, ocorrências ou temáticas particulares, mas um livro histórico, válido para sempre e independentemente de tudo, para quem quiser conhecer os fatos da existência de Padre Pio.

Algum leitor poderá querer saber por que razão escrevi tantos livros sobre Padre Pio. É uma pergunta que também

eu faço a mim mesmo muito frequentemente. E até eu fico cheio de curiosidade.

Até 1967, eu nada sabia sobre Padre Pio. Já tinha ouvido o seu nome, mas nada mais. Eu era jornalista e trabalhava como enviado especial num dos maiores jornais italianos. E também fazia crítica musical. Por isso, interessava-me pela reportagem de grandes acontecimentos relativos à vida do país e do mundo, e de eventos musicais. Em setembro de 1967, o diretor do jornal pediu-me para ir a San Giovanni Rotondo fazer uma ampla reportagem sobre Padre Pio. “Dizem que é um santo” – afirmou –, “mas parece-me que a Igreja já desmentiu isso. Por isso, veja se consegue compreender realmente o que se passa lá”.

Parti e foi a primeira vez que me encontrei com Padre Pio. Consegui vê-lo e falar com ele. Alguns meses depois, voltei lá para outra reportagem. E também nessa ocasião tive um encontro longo e importante com o Padre. Os artigos tiveram uma grande repercussão entre os leitores. Fui encarregado de escrever outros, mesmo depois da morte do Padre. Julgo ter escrito algumas centenas de artigos; deste modo, fui procurando saber tudo sobre Padre Pio, e tornando-me como que um especialista na matéria.

Mas nunca pensara escrever um livro sobre ele. Não me considerava à altura. É verdade que eu já tinha escrito vários livros, alguns até importantes, sobre o mundo da música clássica, assunto sobre o qual me sentia mais bem preparado. Para mim, Padre Pio era uma preciosa fonte de artigos, sugeridos e motivados por fatos jornalísticos que o visavam, mesmo depois de morto, e que se sucediam continuamente. Mas nunca pensei escrever um livro sobre ele. Considerava que, para poder escrever uma biografia sobre o Padre, precisaria ter não só um grande conhecimento do assunto, mas,

sobretudo, uma grande fé. E julgava-me indigno de enfrentar um tema desse gênero.

Mas as coisas correram de modo diferente. Em determinado momento do ano 1983, quando a causa de beatificação de Padre Pio ainda não tinha sido iniciada oficialmente, fui chamado pelos diretores da Casa Editrice Mondadori que me disseram que haviam seguido os meus artigos sobre Padre Pio, que os tinham achado muito claros e muito documentados; por isso, propunham-me que escrevesse um livro.

Fiquei muito admirado. Sobretudo porque a Mondadori era e é a editora italiana de maior prestígio. Mas uma editora laica que nunca tinha publicado uma biografia de uma personagem contemporânea ligada à Igreja Católica. Por isso, o pedido parecia-me suspeito. Pensei que queriam uma biografia de Padre Pio baseada, sobretudo, nas polêmicas que o rodeavam e, portanto, um livro *contra* Padre Pio.

Duvidei, hesitei. Mas o pedido foi repetido e solicitado com insistência. Voltei lá: aduzindo a desculpa de que não me sentia preparado, perguntei que gênero de livro queriam que fizesse. “Uma biografia do Frade, escrita com o estilo claro que é marca dos seus artigos” – responderam. – “Um livro para os admiradores de Padre Pio.”

Nesse instante, caíram por terra todas as minhas perplexidades. E mais: até me senti responsabilizado porque sabia que um livro sobre Padre Pio publicado pela Mondadori haveria de ter uma enormíssima difusão. Além disso, uma difusão não reservada aos devotos de Padre Pio, mas alargada ao mundo laico estranho à religião, o mundo de quem compra os livros precisamente por serem da Mondadori. Assim, poderia eu recusar tamanha responsabilidade? Respondi a mim próprio que não. E comecei a escrever o livro *Padre Pio l'uomo della speranza*, que foi publicado em 1984.

O sucesso foi estrondoso. E o livro continua a ser publicado na *Oscar Mondadori Best Sellers*, uma coleção de grande prestígio.

Passaram alguns anos. Entretanto, precisamente por causa do sucesso obtido com aquele livro, pude publicar outros livros na Mondadori. Mas, em 1989, foi-me pedido escrevesse outro livro. Escrevi *I miracoli di Padre Pio*. Outro sucesso. Seguido de novo pedido do editor para um novo livro sobre o Frade de Pietrelcina. Em breve, a Mondadori, uma editora laica, graças ao seu prestígio internacional e ao seu poder econômico, tornou-se o canal de divulgação mais importante e eficaz da vida e das obras de Padre Pio.

Todos os meus nove livros sobre o Frade estigmatizado foram publicados pela Mondadori e todos se tornaram *best sellers*, sendo ainda publicados na prestigiosa coleção *Oscar Mondadori*.

Neste livro, eu tinha-me proposto contar a vida de Padre Pio não só referindo fatos e episódios, mas procurando explicá-los, indicando o justo valor que eles tinham no contexto da existência do religioso.

Para ser mais claro e imediato, adotei um sistema um pouco insólito na estruturação dos capítulos. De fato, cada um deles, está dividido em quatro partes: uma breve introdução que indica o seu tema, a exposição dos fatos relevantes do período em estudo, um comentário daqueles fatos (para explicá-los, ambientá-los e interpretá-los) e, por fim, uma série de frases de personalidades célebres sobre Padre Pio.

Quase todas as biografias de Padre Pio que tinham sido escritas até aquele momento, estavam “manchadas” por um equívoco sub-reptício: nas entrelinhas, percebia-se que os seus autores eram obrigados a iniciar a caminhada com uma prudência estranha e desconfiada. A vida de Padre Pio

apresentava-se demasiado repleta de eventos estrondosos e inimagináveis para poder ser contada com alma leve. O evento principal que a caracterizava eram os estigmas, que apareceram no seu corpo no dia 20 de setembro de 1918, quando ele tinha 33 anos.

Aquele fenômeno atraiu a atenção e a curiosidade de modo tão avassalador que subverteu e alterou os parâmetros de uma avaliação serena. Era um evento absolutamente inimaginável. Depois, e sobretudo em consequência disso, na vida de Padre Pio manifestaram-se muitos outros fenômenos carismáticos que as autoridades eclesásticas, receosas de um incremento do fanatismo e da superstição, hostilizaram de maneira tão decidida, que emitiram repetidas condenações contra o Padre, as quais nunca foram revogadas.

Essa atitude da Igreja tinha inexoravelmente “condicionado” todos aqueles que estavam interessados em Padre Pio. Os milhares de artigos sobre as curas por ele operadas, sobre os seus estigmas, as suas bilocações, os perfumes, a sua leitura de pensamento, a sua visão antecipada dos fatos e sobre as visões celestes foram escritos, tendo sempre bem presente que se relacionavam com um homem “condenado pela Igreja”. Tudo era relatado com desconfiança: “Diz-se que fez milagres”; “Diz-se que apareceu em dois lugares ao mesmo tempo”; “Os perfumes que as beatas afirmam sentir...”. Mas nunca uma afirmação precisa, concreta, objetiva.

Ora, depois que a Igreja aprovou a heroicidade das virtudes por ele praticadas, já não havia dúvidas, já não havia entraves nem fatores de inibição. A partir de então, o biógrafo podia finalmente deter-se na verdadeira personalidade do Padre, na sua real dimensão humana, para descobrir e ilustrar a sua sensibilidade apurada, a sua incrível bondade, a sua comovente participação nos sofrimentos dos irmãos, o

seu grande e caloroso sentido da amizade, a sua poderosa capacidade de amar, a sua fortíssima aptidão para se relacionar com as pessoas, o seu humor sutil e sagaz. Em suma, agora e por fim, já se podia descobrir o verdadeiro Padre Pio: um homem extraordinário, imprevisível, arguto, generoso, sólido e concreto. Um santo, mas um santo no meio de nós e muito semelhante a nós.

Escrevi este livro precisamente naquele período de tempo e com este objetivo. Portanto, poderia dizer que se tratou da primeira biografia “livre” de medos e preconceitos, do primeiro livro em que se podia falar dos carismas de Padre Pio sem reticências, porque haviam sido reconhecidos pela suprema autoridade eclesiástica.

Como sempre, trabalhei com a mentalidade do cronista, isto é, com o objetivo de referir os fatos e procurar humildemente captar o seu significado. As principais fontes de que me servi na minha pesquisa são as mais críveis e rigorosas. Quero citar algumas, até para exprimir um significativo agradecimento às pessoas que, através daquelas fontes, me ajudaram neste trabalho.

Em primeiro lugar, os escritos de Padre Pio, que constituem os documentos fundamentais para conhecer as suas experiências místicas, sobretudo no que se refere à sua juventude e que foram reunidos, com amor e trabalho, amor e perícia, em quatro volumes, e diligentemente ordenados por uma equipe de religiosos chefiada pelo Padre Gerardo di Flumeri, que foi vice-postulador da causa de beatificação de Padre Pio e, há alguns anos, voltou à “casa do Pai”.

Depois, os livros do Padre Alessandro da Ripabottoni, que considero o verdadeiro grande historiador de Padre Pio. Um homem escrupuloso, meticoloso, documentadíssimo e respeitador da verdade, que, tendo sido discípulo de Padre Pio,

também pôde confrontar a sua versão de muitos dos fatos que refere nos seus livros com a do próprio biografado.

Foram igualmente preciosas as duas revistas oficiais em tudo o que se refere ao Padre: *La voce di Padre Pio* e *Casa Sollievo della Sofferenza*. Também foram importantes os muitos testemunhos que recolhi em trinta anos de trabalho das pessoas que tiveram a felicidade de conhecer a fundo o Padre, de viver ao seu lado durante longos períodos e, portanto, informações e observações em primeira mão. Especialmente, Cleonice Morcaldi.

Sobre esta “filha espiritual” de Padre Pio, falecida em 1987, escrevi amplamente no meu livro *A tu per tu con Padre Pio*, publicando uma série completa de cartas que Padre Pio lhe dirigiu e escritos inéditos da própria Cleonice. Mas aqueles inéditos eram só uma parte de quanto Cleonice deixou e que guardo comigo. Neste livro, quis reservar o último capítulo às recordações de Cleonice, intitulado-o “No coração de Padre Pio”, porque estou convencido de que nenhuma outra pessoa conseguiu penetrar no coração do Padre como ela o fez.

Renzo Allegri

1

UMA CRIANÇA FELIZ (1887-1892)

Uma nova vida é sempre um milagre que vem enriquecer o mundo. Não importa se pertence a uma família rica ou pobre, famosa ou anônima. A criança é uma ilha feliz, uma centelha que ilumina e incendeia.

Os biógrafos, escrevendo sobre Padre Pio, tendem a favorecer a tese da infância triste. Apresentam-no como filho de gente muito pobre, que nem sequer tinha o necessário para matar a fome. Por isso ele teria crescido infeliz, solitário e melancólico, segundo estes intérpretes mal informados, tornando-se depois, já adulto, um religioso severo, silencioso, austero e misógino.

Trata-se de fantasias que não correspondem, de modo algum, à realidade histórica.

Padre Pio passou uma infância serena, no seio de uma família alegre, jovem e muito unida.

Os seus pais não eram ricos, mas também não eram pobres: eram pequenos proprietários e conseguiam manter a família trabalhando a terra com suas próprias mãos.

OS FATOS

O futuro Padre Pio nasceu às 5 horas da tarde do dia 25 de maio de 1887, em Pietrelcina, aldeia situada a treze quilômetros

da capital de distrito, Benevento, 350 metros acima do nível do mar.

O pai, Grazio Forgione, tinha 26 anos, e a mãe, Maria Giuseppa Di Nunzio, quase 28. Tinham casado a 8 de junho de 1881 e já tinham tido três filhos: Michele, Francesco e Amalia, mas só o primeiro tinha sobrevivido. O novo filho, portanto, era o quarto rebento do casal.

De estatura inferior à média, com as pernas bastante arqueadas, Grazio tinha um rosto de traços decididos, olhos muito negros e vivos, e sobrancelhas espessas. Extrovertido e cordial, gostava da paródia. Tinha uma bela voz e divertia-se com um amigo, que sabia tocar “calascione”, uma espécie de guitarra, percorrendo a aldeia fazendo serenatas às moças.

Conservou sempre esse caráter extrovertido e sincero. Homem simples e justo, revelava uma inteligência perspicaz e ativa, que traduzia imediatamente qualquer pensamento em ação. Exprimia-se de forma fantasiosa, utilizando uma pitoresca linguagem em dialeto. Esgotado de cansaço pelo trabalho duro, tinha, no entanto, maneiras expeditas. Sempre cheio de entusiasmo e de iniciativas, transbordava de otimismo e alegria, que transmitia através de brincadeiras e ditos espirituosos.

Mas tinha também uma forte sensibilidade instintiva, que transmitiu ao filho. Durante o trabalho nos campos, as suas mãos duras e gretadas não se recusavam, por exemplo, a afastar uma formiga ou qualquer outro inseto. Dizia ele: “Pobre animalzinho, por que há de morrer?”.

Por vezes, no calor do discurso, também utilizava expressões pouco reverentes, mas sem malícia alguma, embora fizessem ensombrar o rosto do pequeno Francesco.

Antes de desposar Giuseppa Di Nunzio, Grazio tinha estado noivo de certa Maria, mas, quando se começara a preparar o casamento, a família da moça não aceitou conceder determinado forno em dote, e o noivado desfez-se. Na realidade, talvez Grazio já tivesse posto os olhos em Giuseppa.

Esta era uma moça muito fina e elegante, com um caráter amável e reservado. Pertencia a uma família mais rica do que a de Grazio – mas não muito –, e ninguém pôs dificuldades à realização do casamento. Quando casaram, em 1881, Grazio e Giuseppa tinham respectivamente 20 e 21 anos. O Registro Civil classificou-os como proprietários.

Grazio, com efeito, tinha um pouco de terra que ele próprio cultivava. A mulher tinha-lhe trazido em dote mais alguns terrenos. Eram, portanto, da classe média. Não pertenciam aos ricos proprietários de terras, mas também não faziam parte dos assalariados rurais, os pobres que, para viver, se viam obrigados a trabalhar a terra dos outros como diaristas.

A propriedade de Grazio Forgione situava-se quase toda em Piana Romana, localidade a cerca de uma hora de caminho de Pietrelcina. Giuseppa tinha-lhe trazido em dote uma vinha e uma quinta, também em Piana Romana. Além disso, alguns anos após o casamento, Grazio tinha comprado outros campos, de terra muito fértil, constituindo assim um fundo discreto, que o empenhava muito, mas que também lhe dava algumas satisfações.

Imediatamente após as bodas, Grazio e Giuseppa foram viver na casa dos pais da esposa. Mais tarde, mudaram-se para a casa paterna dos Forgione, e foi aqui que Francesco veio ao mundo.

A casa era formada por várias divisões, dispostas ao longo de uma pequena rua, o beco Storto Valle. O quarto de dormir era o número 27, hoje 32, ao fundo da ruela. A cozinha

era o número 28; o estábulo dava para o pátio em frente à cozinha e, mais adiante, tinham mais um cômodo, isolado, semelhante a uma pequena torre, encostada à rocha, à qual se acedia através de uma escada muito íngreme.

Em agosto de 1962, um tremendo terremoto destruiu parcialmente a aldeia, mas todas as construções do Quartiere Castello, onde se encontram as casas que pertenciam à família de Padre Pio, não sofreram dano algum devido ao cataclismo. Eram casas de construção frágil, feitas com “cal magra”, apoiadas na rocha viva, e parecia que uma rajada de vento era o bastante para levá-las pelos ares. Mas, estranhamente, nem sequer o terremoto as fez ruir. Mais tarde, viriam a ser sabiamente restauradas, primeiro pela sobrinha de Padre Pio, Pia Forgione, e depois pela administração comunal. Por isso ainda hoje podemos vê-las, tão conservadas como quando a família de Padre Pio vivia nelas.

O quarto dos Forgione, onde nasceu Padre Pio, está ligeiramente acima do nível da rua. Para entrar nele é necessário subir três degraus. A porta, robusta, tem um anel como batedeira e, à direita, embaixo, uma pequena abertura, o famoso “buraco do gato”, que havia em todas as antigas casas de Pietrelcina. O telhado é de telha. O interior é simples e digno, com teto e pavimento de tijolo. A cama do casal, que ocupa toda a parede em frente à janela, é alta, formada por tábuas simples, apoiadas em cavaletes de ferro, com dois colchões, um de folhas de milho e outro de penas de galinha. Além disso, veem-se algumas arcas de roupa encostadas à parede e várias cadeiras.

No dia em que Padre Pio nasceu, Giuseppa tinha ido trabalhar nos campos, com o marido, como sempre fazia.

À tarde sentiu as primeiras dores de parto. Disse a Grazio que não se sentia bem e dirigiu-se para casa. Grazio foi

obrigado a acabar o trabalho sozinho e, depois, regressou muito apressado a casa, ao saber que o bebê já tinha nascido.

No dia seguinte, Grazio foi à Câmara, para registrar o nascimento e, imediatamente a seguir, levou o bebê à igreja para o batismo. Tanto a certidão do registro civil, como a de batismo, ostentam apenas a assinatura das testemunhas, pois tanto Grazio como a sua mulher eram analfabetos e nem sequer sabiam assinar o seu nome.

A criança recebeu o nome de Francesco. Nome insólito, na família dos dois esposos. Quanto pudemos apurar, nenhum dos seus antepassados diretos se chamava Francesco. Contudo, devia ser um nome importante para Grazio e Giuseppa, pois também o tinham dado ao seu segundo filho, falecido poucos dias após o nascimento.

Já alguém escreveu que provavelmente escolheram esse nome por devoção a São Francisco de Assis ou a São Francisco de Paula, grande taumaturgo muito venerado no Sul de Itália. Ao que parece, porém, a razão era mais simples. Um tio de Grazio, chamado Francesco, ao morrer tinha deixado uma casa ao sobrinho. Grazio, que pretendia de algum modo pagar essa dívida, terá pensado, portanto, dar o nome do tio a um dos seus filhos.

O pequeno Francesco cresceu num ambiente sereno e confortável, rodeado pelo afeto dos pais. Estes eram muito unidos e, depois de Francesco, tiveram mais alguns filhos: Felicita, Pellegrina, Grazia e Mario, o último, que só viveu até os onze meses.

Quando ainda usava cueiros, Francesco chorava muito de noite, não se sabe por quê. Enquanto Giuseppa suportava aqueles lamentos, sofrendo no seu coração, pois temia que

o filho estivesse afetado por alguma doença misteriosa, Grazio, pelo contrário, perdia a paciência. Os seus dias eram pesados. Levantava-se quando ainda estava escuro e regressava do campo depois do pôr do sol. Fizesse frio ou calor, passava horas e horas trabalhando a terra, dobrado em dois, sempre com cargas às costas. À noite, o seu corpo quebrantado e o choro ininterrupto da criança, que o impedia de dormir, exasperavam-no.

Queixava-se à mulher. Nos anos anteriores tinha perdido dois filhos pequenos, e agora perguntava, exasperado: “Mas este nunca mais morre?”.

Uma noite perdeu a paciência. Francesco chorava mais do que o costume. Grazio, por seu lado, estava mais cansado do que nunca. Procurou acalmar o pequeno. Em seguida ralhoulhe, levantando a voz. Nada. Por fim, pegou-lhe ao colo. “Mas por que havia de me nascer em casa um diabo, em vez de um cristão?”, perguntou, atirando-o com fúria para cima da cama. O bebê rolou sobre os cobertores e caiu do outro lado. Giuseppa correu, assustada. “Mataste-me o filho!” Na verdade, Francesco não tinha sofrido o mínimo arranhão. No entanto, parou de chorar. E Padre Pio, que contava muitas vezes esse episódio, concluía: “A partir daquele dia, nunca mais chorei”.

Naquela época, em Pietrelcina, dava-se muito crédito às práticas contra os feitiços. O mau-olhado era altamente temido, e procurava-se combatê-lo por todos os meios. Mau-olhado significava “malefício” provocado pelas forças do Mal, por Satanás ou por pessoas malvadas, que recorriam à ajuda de Satanás. Por isso era combatido através das orações e dos rituais que se faziam paralelamente às práticas religiosas. Os próprios sacerdotes não se escandalizavam, não proibiam as